

Manifesto

Caderno de Rua



Saulo Carvalho

Manifesto

Caderno de Rua

Saulo Carvalho

Manifesto

Cheguei até aqui com mais memória do que certeza. Muita coisa mudou de nome, de lugar e de peso. Algumas pessoas ficaram; outras se perderam pelo caminho. Não trato isso como tragédia. É o modo comum da vida. Família nunca foi assunto simples. Há afeto, distância, obrigação, silêncio e permanência. Nem tudo se resolve. Nem tudo se explica. Ainda assim, certas presenças continuam fazendo parte daquilo que se é.

Ter um filho muda o eixo de um homem. O tempo deixa de servir só a ele mesmo. Passa a ter outra direção, outro cuidado. Já não se escolhe pensando apenas em si. Mesmo quando falta resposta, permanece o dever de seguir inteiro diante dele. Não se trata apenas de dar o necessário, mas de estar ali, com presença, escuta e exemplo, mesmo quando o dia é difícil.

Aprendi a respeitar mais o trabalho do que o discurso. Sempre tive inclinação para desmontar, entender, testar, corrigir e começar de novo. Trabalho, para mim, não é só renda. É medida de caráter. Há quem confunda aparência com consistência. Nunca me serviu. O que me interessa é aquilo que suporta uso, tempo e cobrança.

Relacionamentos deixam marcas menos organizadas do que se imagina. O fim de uma história não apaga a história. Certas ausências continuam ocupando lugar por muito tempo. Não vejo nisso virtude nem fraqueza. Vejo o rastro natural do apego, da convivência e da memória.

Eu não tenho pressa de apagar o que vivi. Tem gente que acha que superar é esquecer, trocar de assunto, arrumar outra vida por cima da antiga. Eu não vejo assim. Algumas coisas precisam ser atravessadas com o corpo inteiro. Não para virar sofrimento de estimação, mas para saber o que aquilo foi. Eu não quero matar lembrança. Quero passar por ela sem me corromper. Quero olhar para o que houve e dizer: existiu, teve peso, me mudou, e eu sigo.

Thamires aparece nestas páginas porque não foi pouca coisa. Foi importante para o Henrique, foi importante para mim, e seria covardia reduzir tudo ao pedaço que doeu. Nem tudo que acaba vira erro. Há gente que passa pela vida da gente e continua importante mesmo quando já não caminha ao lado. Eu não escrevo para pedir volta, nem para cobrar sentimento. Escrevo para reconhecer. Houve cuidado, houve presença, houve uma história. E história nenhuma merece ser tratada como se nunca tivesse existido.

Eu não penso amor como posse. Também não penso amor como tribunal. Se um dia a pessoa precisar de mim, eu quero poder dizer com tranquilidade: estou aqui. Tem gente que vai chamar isso de fraqueza. Eu chamo de coerência. Não quero viver me deformando para parecer forte diante dos outros. Prefiro sustentar o que sinto sem transformar isso em chantagem, culpa ou ruína. Se amar alguém me tornou mais humano, então não foi perda completa.

Quando uma história termina, muita gente corre para dar nome ao que aconteceu. Traição, erro, perda, livramento, fracasso. Eu não tenho tanta pressa. O que aconteceu entre duas pessoas não cabe inteiro numa palavra que serve para todo mundo. Às vezes a pessoa errou. Às vezes fugiu. Às vezes estava vivendo uma fase que nem ela entendia. Isso não apaga consequência nenhuma, mas impede que eu transforme o outro num inimigo só para facilitar a minha própria narrativa.

Eu também não gosto da ideia de que ninguém muda. Gente muda, amadurece, volta atrás, aprende tarde, aprende cedo, às vezes não aprende nada. Eu mesmo não sou hoje o homem que eu era quando comecei certas histórias. Não por milagre, nem porque virei exemplo. Porque vi coisa que antes eu não via.

Talvez seja isso que mais me interessa: não congelar ninguém no pior momento. Nem a mim mesmo. Não quero que um erro meu vire sentença perpétua. Então não faço isso com os outros. Há diferença entre perdoar e fingir que não aconteceu. Eu só não quero carregar a cena pelo resto da vida como se ela ainda estivesse acontecendo.

Uma vez ouvi uma frase que me parou por dentro. Não era uma frase grande. Justamente por isso doeu. Eu lembrava de momentos em que uma palavra parecia ter peso, e de repente descobri que talvez, para a outra pessoa, ela tivesse sido apenas parte daquele tempo. Foi estranho. Por alguns minutos, eu fiquei sem saber onde colocar tudo o que eu lembrava.

Ali eu entendi que insistir em repetir o que foi bom não faria o bom voltar. Eu queria passeio, parque, conversa, intimidade, paz, tudo junto, como se desse para montar de novo a mesma tarde. Não dá. O rio não volta para cima para a gente pescar o mesmo peixe. Isso não quer dizer que nunca mais exista coisa boa. Quer dizer só que será outra coisa.

Aceitar isso não foi desistir. Foi parar de exigir que o presente imitasse o passado. Há uma diferença enorme. O que foi bom continua bom porque aconteceu. Não precisa ser reencenado para continuar existindo na memória.

Às vezes a dor não pede explicação. Pede espaço. Eu poderia dizer que queria me livrar dela, mas não seria verdade. Eu queria atravessar. Há coisa que, se a gente encobre cedo demais, volta mais tarde com outro nome. Eu não queria tapar com bar, droga, sexo, noite ou barulho. Não queria trocar uma falta por outra pessoa e chamar isso de solução.

Não foi moralismo. Eu tinha escolha. Eu podia fazer tudo isso. Preferi ficar em casa, ficar com meu filho, ir a parque, cuidar do que tinha de cuidar. Em certos dias coloquei o joelho no chão. Em outros só esperei a hora passar. Nem todo dia tem lição. Alguns só precisam terminar.

Hoje, quando olho para trás, não penso que fui forte. Penso que decidi não me abandonar. É diferente. Força parece uma coisa pronta. Eu não estava pronto. Só fui ficando. Um dia de cada vez, sem glamour nenhum.

Eu já disse que queria um abraço. E era só isso mesmo. Não conselho, não solução, não alguém dizendo que tudo ia passar. Um abraço de outro adulto, de alguém que chegou na minha vida de fora, alguém que escolheu estar perto por vontade própria. Há um tipo de acolhimento que pai, mãe e filho não substituem. Não porque sejam menores. Porque são relações diferentes.

Talvez o que eu mais goste no amor seja essa improbabilidade. Uma pessoa nasce em outro lugar, vive coisas que você nunca viu, aprende medos que você não conhece, carrega manias, histórias, cicatrizes, e um dia dorme do seu lado. Isso ainda me espanta.

Eu não quero transformar esse espanto em dependência. Também não quero fingir que não preciso de ninguém. Entre uma coisa e outra, existe a possibilidade simples de reconhecer que companhia humana tem peso. Eu posso ser dono da minha casa e ainda querer alguém nela. Uma coisa não anula a outra.

Às vezes eu olho para a minha casa e vejo uma coleção de provas materiais de que a vida andou. Há cama, sofá, geladeira, computador, impressora, ferramenta, roupa, carregadores, som, telescópio, carro, moto. Coisa demais para quem um dia não tinha quase nada. Não desprezo isso. Sei o valor do que foi conquistado. Mas aprendi que nenhuma dessas coisas ocupa o centro.

O centro, quase sempre, é gente. Meu filho. A mulher que amei. Meu pai. Minha mãe. O resto organiza o cenário, ajuda, sustenta, dá conforto, mas não responde pelo essencial. Você pode ter a casa arrumada e o peito desarrumado. Pode ter objeto, recurso e estrutura, e ainda assim estar procurando um abraço humano que não venha por obrigação, mas por encontro.

Quando fico sozinho demais, eu percebo isso com clareza. Não é drama. É constatação. O homem pode construir muito e ainda assim continuar desejando o que nenhuma compra resolve: presença, troca, companhia real.

Não me interessa posar de invulnerável. Sempre achei mais honesto reconhecer a falta do que fabricar uma dureza falsa. O que me mantém de pé não é a ilusão de autossuficiência. É a tentativa de seguir inteiro, sem negar o que ainda pede lugar dentro de mim.

Com o Henrique eu aprendi um tipo de amor que não se explica por teoria. É um amor de presença e de formação. Não quero apenas ser lembrado como pai. Quero ser lembrado como alguém que o entendeu, que esteve com ele, que ajudou a formar nele alguma firmeza para atravessar o mundo.

O tempo passa rápido demais. Um dia o filho está no colo; pouco depois está pintando as unhas, escolhendo o primeiro show, ensaiando o próprio rumo. Há orgulho nisso e há medo também. Não escondo. Ver o filho crescer é assistir ao nascimento gradual de uma independência que nos alegra e nos desloca ao mesmo tempo.

Talvez a tarefa de um pai seja essa: acompanhar sem prender, preparar sem controlar, amar sem sufocar. Ensinar a entrar e sair dos lugares, a suportar perdas, a viver etapas, a não se desfazer por inteiro a cada ferida. Se algum dia ele ler estas páginas, eu gostaria que entendesse isso: eu não quis moldá-lo para mim. Quis ajudá-lo a tornar-se ele.

Quando ele não está, algo em mim se perde de lugar. Não por fraqueza, mas porque a paternidade reorganizou meu eixo. Há períodos em que eu me sinto mais solto, quase andarilho, como se faltasse a parte que me orienta.

Eu gostaria que meu filho um dia dissesse algo simples sobre mim. Não que tive todas as respostas. Não que fui impecável. Talvez apenas: meu pai me entendeu. Para mim já seria muito.

Ser pai me obrigou a rever a ideia de autoridade. Eu não quero um filho obediente por medo. Quero alguém que saiba entrar e sair dos lugares, perceber quando está sendo respeitado, reconhecer quando errou, saber pedir ajuda e saber ir embora quando ficar seria se perder de si.

Isso não se ensina só falando. Filho percebe o jeito que a gente atravessa uma derrota. Percebe o jeito que a gente trata quem foi embora. Percebe o que fazemos quando estamos frustrados. Às vezes a formação está justamente nas horas em que ninguém está tentando ensinar nada.

Talvez por isso eu tenha tanto medo de falhar diante dele. Mas também aprendi que esconder falha não forma ninguém. Admitir que errei, corrigir e continuar talvez seja uma aula melhor do que fingir superioridade.

Meu pai e minha mãe me ensinaram outra coisa sem fazer discurso. Quando levei minha mãe ao hospital e vi meu pai ali, limitado pelo próprio corpo, tentando permanecer perto, eu entendi uma parte do amor que eu ainda não tinha entendido.

Há horas em que amar não resolve. Não tira a dor. Não muda exame. Não levanta quem não consegue levantar. Nessas horas, sobra presença. Ficar do lado. Segurar a mão. Fazer o que dá e suportar o fato de que não dá para fazer tudo.

Eu vi meu pai numa posição que nenhum homem gosta: sem poder consertar a situação. E ainda assim ele estava ali. Trinta anos de vida não cabem numa cama de hospital, mas aquela cama carregava muito deles.

Eu quero um amor que sobreviva à parte sem graça da vida. Não me interessa só o começo, quando tudo é novidade. Quero saber o que sobra quando ninguém está bonito, quando a conversa falha, quando o corpo cansa, quando a solução não vem.

Eu tenho fé, mas não uso fé como explicação rápida. Não acredito que Deus esteja sentado escolhendo quem volta, quem vai embora, quem sofre menos e quem sofre mais para facilitar nossa vida. Há coisas que são entre nós. Escolhas humanas, limites humanos, consequência humana.

Mesmo assim, eu rezo. Às vezes não peço que mude nada. Peço só um pouco de alívio. Um pouco. Não tudo. Há dias em que seria suficiente tirar dez por cento do peso para conseguir dormir melhor.

Eu não sei explicar por que algumas coisas acontecem. Também não preciso transformar tudo em plano secreto. A fé, para mim, talvez seja suportar não saber sem deixar de caminhar.

Colocar o joelho no chão não significa terceirizar a própria vida. Significa admitir que há horas em que o homem não é suficiente para si mesmo. Eu não vejo vergonha nisso.

Há uma diferença entre arrependimento e aprendizado. Eu não vivo desejando voltar para trocar todas as decisões. Eu fiz o que conseguia fazer com o homem que eu era. Hoje eu faria algumas coisas de outro jeito. Isso não me dá o direito de fingir que o passado poderia ter acontecido com a cabeça que eu tenho agora.

Eu penso no rio. A água passou. Não tem como empurrar tudo de volta para repetir a pescaria. Se o peixe escapou, escapou. O próximo trecho do rio é outro. Parece simples, mas demorou para eu aceitar isso.

Não ter arrependimento não significa achar que acertei tudo. Significa só que não quero usar o presente para torturar um homem que já não existe exatamente daquele jeito. Eu olho para ele, reconheço onde falhou e sigo com o que aprendi.

Se um dia eu tiver uma nova chance em alguma área da vida, ela não será repetição. Será outra história. E precisa ser tratada como outra história.

Perdoar, para mim, não é declarar inocência. Não é apagar mentira, falta, grosseria ou abandono. É decidir que eu não vou devolver a dor no mesmo formato. Eu posso lembrar sem querer vingança.

Talvez eu perdoe rápido porque não gosto de ferrugem dentro do peito. Raiva prolongada ocupa espaço demais. Faz a pessoa morar numa cena antiga, repetindo discussão com alguém que nem está ali.

Isso não quer dizer que todo mundo continua perto. Perdão não é convite automático para entrar de novo. Há gente que eu perdoo e deixo longe. Há gente que eu perdoo e ainda amo. Há gente que simplesmente passou.

Eu só não quero construir minha identidade em cima do dano que alguém me causou. Seria dar ao outro um poder grande demais sobre o resto da minha vida.

Trabalho sempre esteve perto de mim, mas nunca teve o mesmo valor que as pessoas costumam dar. Emprego pode acabar. Cargo muda. Empresa troca. Dinheiro entra e sai. Eu respeito trabalho pelo que ele revela quando ninguém está aplaudindo.

Eu gosto de desmontar problema. Computador que não liga, site quebrado, sistema que insiste em dar erro, uma ideia que ainda não virou coisa. Talvez eu goste porque ali existe alguma honestidade. Ou funciona ou não funciona. Se não funciona, volta, olha de novo, tenta outra coisa.

Criação me interessa mais do que título. Eu posso passar horas ajustando uma página porque sei exatamente quando ela ainda não ficou certa. Isso vale para tecnologia e, de algum jeito, vale para a vida. Nem tudo aceita gambiarra permanente.

Ainda assim, eu não quero ser lembrado pelo que montei. Projeto nenhum me abraça. Nenhum site senta à mesa comigo. Trabalho ocupa lugar importante. Só não ocupa o centro.

Eu tenho medo de ser comum. Não comum no sentido de trabalhar, pagar conta e viver uma vida simples. Isso pode ser bonito. Meu medo é outro: passar pela Terra sem olhar direito para nada. Nascer, consumir, reclamar, envelhecer e morrer sem nunca perguntar por que algumas coisas mexeram tanto comigo.

Talvez esse medo seja exagerado. Pode ser. Mas ele me move. Eu prefiro correr o risco de sentir demais a me anestesiarmos por hábito.

Quando Henrique viaja e a casa fica diferente, eu noto como ser pai organizou minha identidade. Sem ele por perto, por alguns dias eu fico mais solto, quase sem eixo. Às vezes até gosto de ficar perdido um pouco. Talvez seja uma lembrança de quem eu era antes dele.

Depois ele volta e as coisas se encaixam de outro jeito. Não porque filho tenha obrigação de dar sentido à vida do pai. Não tem. Mas porque algumas relações nos transformam tanto que não existe retorno completo ao que havia antes.

Eu escolhi ser afeto. Essa frase apareceu sem planejamento e ficou. Não porque eu seja manso o tempo inteiro, nem porque eu não erre, nem porque eu tenha alguma superioridade moral. Eu escolhi porque vi outras saídas e não queria viver nelas.

Havia uma versão possível de mim que podia ter usado a dor como desculpa. Podia ter virado noite, droga, sexo sem direção, raiva, abandono. Eu conheço essa porta. Não entrei.

Fiquei perto do meu filho. Fui a parques. Continuei trabalhando. Continuei tentando criar coisa. Continuei indo à academia, arrumando a casa, respondendo gente, pagando conta. Parece pouco quando escrito. Na prática, era a vida sendo mantida em funcionamento.

Afeto, para mim, não é doçura. Às vezes é disciplina. É escolher não destruir o que sobrou porque alguma coisa acabou.

Eu não quero que alguém que passou pela minha vida olhe para mim e sinta culpa por eu ter sofrido. Não quero transformar dor em cobrança. A pessoa não precisa me ver quebrado para acreditar que foi importante.

Se alguma coisa boa nasceu depois, eu prefiro que ela veja isso. Que veja um pai melhor, um homem mais atento, alguém que escolheu não descer por certas escadas. Isso não é recado indireto. É a forma que encontrei de tratar o que aconteceu sem tornar o outro prisioneiro da consequência.

Amor que exige culpa do outro já virou outra coisa. Eu não quero isso. Se eu disser 'se precisar de mim, estou aqui', quero que seja uma frase limpa, sem contrato escondido.

Liberdade também faz parte do amor. Às vezes é justamente a parte que mais dói. Mas se eu digo que amo alguém e ao mesmo tempo preciso controlar cada passo dessa pessoa, talvez eu esteja chamando medo de amor.

Eu não me sinto curado. Essa palavra nunca me serviu muito. Parece que existe um momento em que tudo fecha e a pessoa sai pronta, como se nada mais pudesse tocar naquele lugar.

Prefiro pensar em passagem. Algumas feridas fecham. Outras viram marca. Outras ainda doem quando muda o tempo. A vida continua mesmo assim.

Eu não procuro apagar a experiência. Quero aprender a carregá-la sem sangrar em cima de todo mundo. Isso, para mim, já é bastante.

Talvez daqui a alguns anos eu leia estas páginas e pense diferente. Espero que sim. Um manifesto que não pode ser contrariado pelo próprio autor depois de viver mais um pouco vira estátua. Eu não quero virar estátua.

Falar de sentimento em público sempre corre o risco de parecer fraqueza para alguém. Eu sei. Uma parte das pessoas vai ler e pensar que um homem deveria guardar certas coisas. Outra parte talvez reconheça algo que nunca teve coragem de dizer.

Eu não escrevo para convencer nenhum dos dois grupos. Escrevo porque o que fica escondido também ocupa espaço. Às vezes mais.

Expor não é pedir pena. Eu não quero pena. Também não quero que leiam isso como pedido de resgate. Minha vida continua. Eu trabalho, crio, cuido do meu filho, faço planos, dou risada. A dor não ocupa todos os cômodos.

Ela apenas existe. E eu me recuso a mentir sobre isso para parecer mais forte.

Eu já pensei no que seria uma pessoa comum. A resposta que veio foi injusta: alguém que nasce, vive e morre sem aprender nada de si. Depois percebi que talvez eu estivesse confundindo simplicidade com ausência.

Há gente simples que percebe o mundo inteiro. Há gente cheia de títulos que passa por tudo sem encostar em nada. Não é a vida que se leva por fora que define isso.

O que eu temo é a distração permanente. A incapacidade de ficar em silêncio o suficiente para notar o que está acontecendo por dentro.

Talvez por isso eu faça tanta coisa ao mesmo tempo. Sites, projetos, máquinas, ideias. E talvez por isso, de vez em quando, eu precise parar e admitir que produzir também pode ser uma forma de fugir. Nem tudo que ocupa a mão acalma o peito.

Eu gosto de tecnologia porque ela responde. Aperta, testa, mede, compara. Quando quebra, existe um ponto de falha. Nem sempre fácil de achar, mas existe.

Gente não funciona assim. Não há log completo de relacionamento. Não tem botão para voltar versão anterior. Não tem backup perfeito de uma tarde. Você pode lembrar, mas memória não restaura presença.

Talvez eu tenha aprendido isso tarde. Há coisas que não se resolvem. Só se convivem. E isso irrita uma cabeça acostumada a procurar solução.

Ainda assim, continuo tentando entender. Não para controlar. Entender já é uma forma de cuidado. Às vezes é o máximo que dá para fazer.

Eu tenho vontade de melhorar. Essa foi a resposta quando me perguntaram o que me faz levantar nos dias em que falta vontade. Eu poderia dizer meu filho. Seria verdadeiro, mas seria fácil demais.

Eu quero ser melhor. Não melhor que ninguém. Melhor do que algumas versões minhas que eu já conheci.

Essa vontade não é limpa. Às vezes vem misturada com medo, orgulho, necessidade de provar alguma coisa. Eu aceito isso também. Nem toda motivação precisa nascer bonita para produzir algo bom.

O que eu tento vigiar é outra coisa: não transformar melhora em obsessão pela imagem. Se eu só pareço melhor, não adiantou.

Eu já fui mais duro em algumas coisas e mais irresponsável em outras. Hoje tenho mais paciência para perceber que as pessoas quase nunca estão vivendo apenas a cena que eu consigo ver.

Alguém pode errar comigo e, ao mesmo tempo, estar desmoronando em outro lugar. Isso não torna o erro certo. Só torna a pessoa maior que o erro.

Talvez eu tenha aprendido isso porque precisei que fizessem o mesmo comigo. Quem nunca quis ser reduzido ao pior dia que teve?

Eu não quero ser juiz da história inteira de ninguém usando uma página que li por acaso.

Família é uma palavra bonita demais para a quantidade de ruído que cabe dentro dela. Há amor, cobrança, costume, dívida emocional, proteção, cansaço, repetição, medo de perder.

Mesmo assim, quando alguma coisa aperta, é para essas pessoas que eu olho primeiro. Meu pai, minha mãe, meu filho. O tempo vai deixando claro quem forma a base.

Isso não significa que família esteja sempre certa. Nem perto. Só significa que algumas relações não dependem de performance para continuar existindo.

Eu já quis distância. Já precisei de silêncio. Já me irritei. E ainda assim, quando penso no que realmente importa, eles aparecem antes de muita coisa que eu passei anos construindo.

Eu não quero transformar Thamires em personagem de um livro que é meu. Ela tem a vida dela, a versão dela, os motivos dela. O que cabe aqui é apenas o pedaço que existe em mim.

Nesse pedaço, ela foi importante para Henrique. Foi presente, doadora, participou de coisas que não desaparecem porque um relacionamento acabou. Eu seria pequeno se apagasse isso para deixar minha dor mais fácil de explicar.

Também sei que faltei. Não escrevo isso como confissão dramática. Eu fui o homem que conseguia ser naquele momento. Hoje enxergo ausências que antes eu não enxergava.

Talvez amadurecer seja isso em parte: conseguir reconhecer o que o outro fez de bom sem precisar diminuir a própria dor, e reconhecer onde a gente falhou sem transformar isso em sentença.

Há uma frase que eu gostaria que qualquer pessoa importante para mim soubesse: se precisar de mim, eu estou aqui. Não prometo resolver. Nem sempre eu saberia. Mas presença ainda é uma coisa que consigo oferecer.

Eu vi isso no meu pai. Vi isso com meu filho. Aprendi isso no amor. Às vezes ficar é a única ação disponível.

Não quero que essa frase vire obrigação eterna. Há limites. Há momentos em que estar disponível para alguém significa se abandonar, e isso também não serve.

Mas quando o afeto é limpo, eu gosto da possibilidade de dizer: pode me chamar. Sem cobrança, sem conta antiga aberta na mesa.

Se eu pudesse escolher uma coisa para Henrique carregar de mim, não seria profissão, gosto musical, time, jeito de falar. Seria uma espécie de firmeza mansa.

Saber sofrer sem destruir tudo. Saber amar sem se ajoelhar diante de qualquer migalha. Saber sair sem precisar odiar. Saber voltar quando fizer sentido. Saber pedir desculpa.

Eu não sei se consigo ensinar isso. Talvez ninguém consiga. Mas posso tentar viver de um jeito que deixe pistas.

Um dia ele vai olhar para trás e decidir sozinho o que do pai serviu e o que precisa ser abandonado. Esse direito também faz parte de crescer.

Quando a dor veio, eu poderia ter escolhido outro caminho. Poderia ter corrido para a noite, para a droga, para o sexo sem rumo, para o barulho, para qualquer coisa que me apagasse por algumas horas. Eu tinha todo o material para fazer isso. Muita gente faz. Eu não fiz. Não por santidade. Por decisão. Coloquei o joelho no chão, fiquei em casa, cuidei do meu filho, atravessei os dias, e fui tentando transformar a pancada em outra coisa. Não foi heroísmo. Foi escolha.

Eu perdoo com facilidade. Não porque esqueço, mas porque não quero carregar ferrugem dentro do peito. O perdão, para mim, não é absolver mentira ou fingir que nada aconteceu. É não devolver a dor do mesmo jeito que ela veio. É interromper uma corrente. Nem sempre isso alivia na hora. Muitas vezes só me deixa mais nu diante do que senti. Ainda assim, é o caminho que reconheço como meu.

Se estas páginas têm algum centro, talvez seja este: eu escolhi ser afeto. Não para ser visto como bom, não para conquistar aplauso, não para dar exemplo. Escolhi porque endurecer seria perder uma parte de mim que eu não quero perder. O mundo já fabrica dureza demais por conta própria. Da minha parte, quero continuar inteiro, mesmo com medo, mesmo com perda, mesmo sem garantias.

Se algum dia perguntarem o que eu fiz com a minha dor, a resposta é simples: eu não entreguei ela ao lixo nem ao vício. Eu passei por dentro dela. E sigo passando. O resto, como quase tudo nesta vida, é tempo.